

Cordel das Novíssimas Universidades Federais Brasileiras
Cordel of the Brand-New Brazilian Federal Universities
Cordel de las Nuevísimas Universidades Federales Brasileñas

Ives Romero Tavares do Nascimento¹

Recebido em 27/09/2022; revisado e aprovado em: 22/08/2022; aceito em: 16/12/2022
DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v24i1.3825>

Resumo: Este texto em formato de cordel é uma elaboração teórico-empírica elaborada a partir dos resultados preliminares de uma pesquisa que tem buscado analisar o processo de montagem e criação de quatro universidades federais do Brasil como partes de uma estratégia nacional de desenvolvimento regional/territorial. Estas instituições universitárias são conhecidas como “novíssimas universidades federais brasileiras”, pelo fato de terem sido criadas sob a égide de uma política pública nacional que compreendeu a educação superior como estratégia de desenvolvimento para os territórios do Brasil. Dadas as muitas possibilidades de se divulgar achados de pesquisas científicas, utilizou-se a escrita sob o formato de cordel como uma dessas chances, posto que a revelação das bases de montagem das universidades analisadas pôde ser traduzida em diferentes formatos, como o cordel. Assume-se que esta espécie literária, amplamente utilizada por cordelistas, pode figurar como mais uma maneira de informar o fenômeno de constituição de duas destas universidades – uma na Bahia e outra no Ceará – a partir da poesia, da rima e da métrica muito próprias à literatura de cordel. Ao final tanto do cordel quanto das considerações deste trabalho, são apresentadas algumas das contribuições centrais do trabalho, que se alinham a temas como sustentabilidade, políticas públicas, desenvolvimento regional/territorial e questões locais, dentre outros.

Palavras-chave: desenvolvimento regional; políticas públicas; educação superior; novíssimas universidades federais; cordel.

Abstract: This text was made with the preliminary results of a research that has sought to analyze the creating process of four federal universities in Brazil as part of a national strategy for regional/territorial development. These university institutions are known as “brand-new Brazilian federal universities” because they were created under the aegis of a national public policy that understood higher education as a development strategy for the territories of Brazil. Given the possibilities of disseminating scientific research findings, the *cordel* format was used as one of these chances, since the revelation of the bases of assembly of the analyzed universities could be translated into different formats, such as the *cordel*. It is assumed that this literary species can approach the phenomenon of constitution of two of these universities – one in Bahia and the other in Ceará – from poetry, rhyme, and metrics very specific to *cordel*. At the end of this work, some contributions to the theme are presented, aligned with themes such as sustainability, public policies, regional/territorial development, and local issues, among others.

Keywords: regional development; public policy; higher education; brand-new federal universities; cordel.

Resumen: Este texto fue elaborado a partir de los resultados preliminares de una investigación que ha buscado analizar el proceso de creación de cuatro universidades federales en Brasil como parte de una estrategia nacional de desarrollo regional/territorial. Estas instituciones universitarias son conocidas como “nuevísimas universidades federales brasileñas” porque fueron creadas bajo la égide de una política pública nacional que entendió la educación superior como una estrategia de desarrollo para los territorios de Brasil. Dadas las posibilidades de difusión de los resultados de la investigación científica, el formato de cordel se utilizó como una de estas oportunidades, ya que la revelación de las bases de montaje de las universidades analizadas podría traducirse a diferentes formatos, como el cordel. Se supone que esta especie literaria puede abordar el fenómeno de constitución de dos de estas universidades – una en Bahía y otra en Ceará – desde la poesía, la rima y la métrica muy propias del cordel. Al final de este trabajo, se presentan algunas contribuciones al tema, alineados con temas como sustentabilidad, políticas públicas, desarrollo regional/territorial y temas locales, entre otros.

Palabras clave: desarrollo regional; políticas públicas; educación universitaria; nuevísimas universidades federales; cordel.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



¹ Universidade Federal do Cariri (UFCA), Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma construção teórico-empírica que resultou na elaboração de um texto em formato de cordel para apresentar determinadas características da montagem de duas instituições públicas de ensino superior do Brasil: a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), na Bahia; e a Universidade Federal do Cariri (UFCA), no Ceará. Esta produção literária é oriunda de uma pesquisa em curso que tem como cerne a investigação sobre as condicionantes político-institucionais da montagem dessas e de outras duas organizações universitárias: a Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), na Bahia; e a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), no Pará.

Estas instituições universitárias são comumente nomeadas de “novíssimas universidades federais” (tal como se verificará ao longo do texto do cordel), pela razão de terem sido criadas na última fase de expansão e interiorização da educação pública brasileira (entre 2012 e 2014) do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) (BRASIL, 2007), com base na ótica da educação contextualizada e regionalizada (MEC, 2014). Segundo Nascimento (2018), isso fez surgir um conjunto de quatro universidades com alta aderência aos territórios e às regiões onde foram instaladas.

Pode-se dizer que este texto se trata de uma elaboração teórica, em primeiro lugar, pelo fato de partir e terminar em construções que se alicerçam prioritariamente em conhecimentos teoricamente aplicados (PRODANOV; FREITAS, 2013), ou seja, partindo da (e destinando-se à) produção da poesia versada (ver Item. 4), típica de cordéis. Em segundo lugar, é possível alocar este produto como de natureza empírica, em razão de ter sido possibilitado a partir de análises e resultados preliminares da investigação acima identificada.

Nesse bojo, recursos estéticos diversificados e com atenção à literatura que vão além de comunicações científicas tradicionais (como artigos científicos, dentre outros) têm sido gradativamente empregados para atividades e processos de ensino e aprendizagem em Administração (FISCHER *et al.*, 2007) e no seio dos Estudos Organizacionais, como o trabalho de Franco, Leite e Fonseca (2020). Contribuições como a de Pinto e Ribeiro (2018), por exemplo, alocam a literatura como um dos objetos de análise empírica, ao relacioná-la ao pensamento administrativo brasileiro a partir das contribuições de certas obras de Jorge Amado. O próprio cordel já foi objeto de estudo de trabalhos, como o de Sousa e Freitas (2020), que o analisaram no mundo digital; o de Siqueira, Matamoros e De La Cruz (2020), que montaram um cordel para falar sobre aprendizagem baseada em problemas; e o de Almeida *et al.* (2021), que discorreram sobre a utilidade do cordel no ensino de Geografia.

Nessa esteira, aprendizagem e conhecimento são temas pertencentes aos objetos de muitas ciências, como a Administração. Se, para autores como França Filho (2004), um dos possíveis subcampos do conhecimento em Administração concentra estudos explicativos sobre a organização como fenômeno simbólico, a escrita de cordéis poderia se apresentar como um recurso contribuidor a esse propósito. Isso se justificaria no fato de os cordéis poderem abordar temas muito diversificados, como cultura, sociedade e a vida humana em organizações. É este o ponto transversal que este trabalho aborda.

Portanto, apresentar um cordel elaborado a partir das experiências regionais do Ceará e da Bahia durante a montagem de cada uma de suas universidades federais tem esse propósito de informar e divulgar achados científicos por outros caminhos, de modo que se percebam

como análises organizacionais como percepção secundária. Estes achados, por sua vez, podem dar vazão à criatividade e à imaginação enquanto fazem o público leitor “passear” pelas rimas e pela oralidade do texto, de modo a se tornarem um recurso potencialmente refinado de escrita científica. Além disso, “atualmente a literatura de cordel é encontrada com requintes de edições, [...] mesclando o visual, o poético e a tecnologia, se reinventando em todas as mídias” (BENFATTI; SILVA, 2021, p. 84).

Em razão dessa apontada dinâmica que faz o cordel se expandir em termos de utilidade e público (inclusive para aprendizagem em Administração e sobre organizações), é possível crer que a difusão de saberes científicos por outros canais como este – o cordel – poderia contribuir com uma maior adesão da sociedade àquilo que é científico, tal como algo popular quanto a literatura de cordel. E se esta é empregada como divulgação de conhecimentos, a população em geral pode ser informada sobre “o encanto da incrível jornada que é fazer ciência” (KNOBEL, 2021, p. 77).

Dessa feita, a apresentação do cordel elaborado é a centralidade deste trabalho. E, para que se compreenda o caminho mental e inspiracional seguido rumo à sua finalização, estruturou-se este texto de modo que o leitor entenda as questões norteadoras, já apresentadas nestas Notas Introdutórias. Em seguida, são listadas as bases teóricas empregadas na compreensão mais geral que norteou a escrita dos versos e das estrofes do cordel: os significados de ser “regional” para a compreensão da montagem das novíssimas universidades federais. O capítulo seguinte – a metodologia – demonstra como o cordel foi construído desde a fase de coleta dos dados durante a investigação científica até demonstrar-se como cada verso fora elaborado. Por fim, as considerações finais com determinadas reflexões são sucedidas pelas referências das obras citadas no corpo de todo o texto, encerrando-se com as notas de fim.

2 O QUE SIGNIFICA SER REGIONAL?

Este Item contém breves bases teóricas utilizadas na compreensão do objeto em análise – as novíssimas universidades federais brasileiras, com destaque para a UFCA e a UFSB –, para que se procedesse, posteriormente, com a escrita do cordel, resultado da intenção geradora deste trabalho.

2.1 Compreendendo o significado de regional para este estudo

Muitas são as possibilidades de se relacionar as questões ditas regionais. Dada uma pluralidade de ideias e conceituações advindas da polissemia desse termo, falar em região pode assumir-se ser tarefa que demanda o entendimento de termos que extrapolam a compreensão geográfica-espacial, numa tentativa de incorporar elementos que contemplam outros elementos formadores destes mesmos espaços. Citando Lencioni (1999), Matos e Gonçalves (2019) afirmam que muitas das justificativas para que a ideia sobre o conceito de região ter relativa aderência à visão da Geografia física se deu pelo fato de estar ter se concentrado, por muito tempo, em estudos ligados “à monotonia dos estudos regionais, repetitivos e enfadonhos, que se transformaram numa análise meramente descritiva da divisão regional estabelecida” (MATOS; GONÇALVES, 2019, p. 16).

Nesse debate, alude-se que repousa sobre o que significa ser região o mesmo debate acerca de “território”, num ambiente de ideias que os visualiza como sinônimos, dada a sua proximidade

epistemológica na atualidade (HAESBAERT, 2005). Por isso, quando se admite que o território pode ser uma ideia qualificada por um conjunto de forças que compreendem as questões sociais, ambientais, políticas e institucionais (SAQUET, 2014), por exemplo, pode-se incorporar tal ideia à menção de região. Dessa forma, falar no que seria regional, para partida de debate, seria admitir existir confluência de vetores que influenciam a ação e o comportamento humano em espaços bem delimitados, não exclusivos à percepção espacial-geográfica.

É por isso que autores como Ribeiro (2009) recomendam observar-se a complexidade das relações socioeconômicas para se compreender a multiplicidade de identificação de um território até o ponto em que seja possível individualizá-lo. Ou seja, dar-lhe um corpo, produto da composição de partes interdependentes que se mantêm unidas sob diferentes manifestações (HISSA, 2009; SANTOS, 2005) em torno das forças ilustradas por Saquet (2014).

Dessa maneira, assume-se a ideia de região atrelada ao conceito de território para demarcar a posição, neste texto, de que as questões regionais muito pautadas pela política pública que criou as novíssimas universidades federais brasileiras – tal como a UFCA e a UFSB – levaram em consideração os aspectos não somente físicos e de delimitação do poder político-institucional do país. Mas, em adição, relacionar também a percepção de que, para se desenvolver territórios e regiões, dever-se-ia incorporar as questões ambientais, culturais e personalíssimas dos territórios/regiões quais as “novíssimas” ilustram em seus nomes, como se percebe nas contribuições do trabalho de Nascimento (2018).

Neste ponto, a literatura de cordel aparece como uma expressão concreta (e, automaticamente não difusa) de como as questões territoriais/regionais ilustram o imaginário e a compreensão popular sobre o peso das questões regionais na vida das pessoas. Portanto, falar em cordel é admitir a força do entendimento social das relações humanas em muitos níveis, como o organizacional.

2.2 Regionalismo e cordel

O cordel é gênero literário muito próprio da cultura textual brasileira, notadamente vista em estados do Nordeste. Segundo contribuições como as de Jahn (2011) e Cunha (2018), é reverberação da produção de textos europeus posteriormente adaptada aos aspectos culturais e regionais do Brasil, fortemente marcada por textos em poesia, versados e segmentados em estrofes. Comumente publicados em livretos que ficavam pendurados e expostos em cordas (daí o seu nome), podem refletir questões cotidianas e do convívio social, como também criticamente se posicionar diante de questões de relevante interesse público e construir saber científico, como o realizado por Siqueira, Matamoros e De La Cruz (2020).

No que toca à estrutura, o cordel é peculiar em relação a textos literários congêneres. Dada a presença de três elementos que o distinguem – a rima, a oralidade e a métrica (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2018) –, o texto do cordel detém fixada regra gramatical. A rima é elemento textual e oral que possibilita o reconhecimento da igualdade ou similaridade de sons produzidos pela pronúncia de palavras que comungam sílabas em suas terminações. Na literatura de cordel, as rimas são elementos-chave da composição musicada, ponto importante em sua tradição e reconhecimento.

A rima, por conseguinte, possibilita a montagem dos versos e, conseqüentemente, das estrofes. A leitura e declamação musicada dos versos nas(das) estrofes só é possível em virtude

da presença das rimas. Logo, são estas que viabilizam a oralidade característica de textos de cordel. Sobre rimas e versos, há uma importante classificação: segundo o Ministério da Cultura (2018, p. 24), “[...] os versos são classificados de acordo com a sílaba tônica em: agudos (quando terminam em palavras oxítonas), graves (quando terminam em palavras paroxítonas) e esdrúxulos (quando terminam em palavras proparoxítonas)”.

O terceiro elemento importou sobremaneira para a composição do cordel apresentado neste texto: a métrica. Ela foi fundamental para uma elaboração “ao revés”, ou seja, de trás para frente, de modo que a determinação da métrica foi o passo inicial para se definir a estrutura e o formato da oralidade como consequência das rimas presentes nos versos e nas estrofes constantes no Item 4 deste trabalho. As métricas, segundo o Ministério da Cultura (2018), devem ser classificadas em distinção à contagem das sílabas poéticas – e não das sílabas gramaticais – presentes nos versos e nas estrofes. Essas sílabas poéticas dividem as palavras não em sua decomposição gramaticalmente estabelecidas, mas onde se percebe o “canto” ou a “música” das palavras, obedecendo, portanto, a uma outra lógica. Neste caso, é possível manter uma quantidade maior de letras numa mesma sílaba poética, quando não seria permitido pela separação silábica gramatical. É um dos diferenciais do cordel em relação a outros gêneros literários.

Sobre as sílabas poéticas, cumpre destacar que elas assumem função reconhecida no trato da escrita de um cordel. No ambiente da produção de cordéis, é comum individualizar-se o modelo da escrita e localização das sílabas poéticas por códigos geralmente indicados por letras maiúsculas e que dão sentido à localização dessas sílabas ao final de cada verso. Por exemplo, se há a indicação de uma métrica no estilo ABCB, quer-se indicar que:

- i) As quatro letras indicam ser uma estrofe de quatro versos e assim sucessivamente;
- ii) A: a sílaba poética se encontra no final do primeiro verso;
 B: a sílaba poética se encontra no final do segundo verso;
 C: a sílaba poética se encontra no final do terceiro verso;
 B: a sílaba poética se encontra no final do quarto verso, mas deve rimar com a sílaba poética do segundo verso. Esta lógica se aplica a estrofes mais complexas.

Em razão de esta produção textual e literária ter se solidificado ao longo dos anos, verdadeira taxonomia foi elaborada para se determinar cada tipo de composição, ilustrados no Quadro 1:

Quadro 1 – Taxonomia das métricas num cordel

| Nome | Características |
|---------------------|---|
| Parcela | Versos de quatro e cinco sílabas poéticas |
| Quadra | Versos de sete sílabas poéticas, estilo ABCB |
| Sextilha | Seis versos e sete sílabas poéticas, estilo ABCBDB |
| Setilha ou Septilha | Sete versos e sete sílabas poéticas, estilo ABABCCB |
| Oitavas ou Quadrão | Oito versos e sete sílabas poéticas, estilo AAABBCCB |
| Décimas | Dez versos e sete sílabas poéticas, estilo ABBAACDDC |
| Martelo Agalopado | Dez versos e onze sílabas poéticas, estilo ABBAACDDC |
| Galope à Beira-Mar | Onze sílabas poéticas, estilo ABBAACDDC |
| Versos Alexandrinos | Mais incomuns, não possuem limites de versos, mas as estrofes devem ter mais de 10 linhas |

Fonte: Adaptado de Ministério da Cultura, 2018.

Finalizados estes breves comentários acerca das bases teóricas que sustentaram a escrita do cordel constante no Item 4, a próxima fase foi estruturar a cadeia de passos metodológicos que, para além de relatar como o cordel foi elaborado, apresenta o sequenciamento das etapas na pesquisa-base que fundamentaram as diretrizes de coleta e análise dos dados. Isto está descrito no Item que se segue.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO DA ESCRITA DO CORDEL

Neste item, são apresentadas as duas fases metodológicas cumpridas para que o cordel fosse efetivamente escrito dentro das pretensões definidas: relacionar a criação e montagem de duas universidades federais brasileiras com o momento e com o contexto em que a lógica regional e da educação contextualizada foram consideradas pela ação da política pública que as criou.

3.1 Fase 1: a coleta dos dados

A primeira etapa metodológica cumprida para que a escrita do cordel fosse possível corresponde ao percurso de metodologia da pesquisa-base, uma vez que o cordel é produto secundário, tal como artigos e demais possíveis comunicações científicas (já que o relatório da pesquisa é a primeira e importante produção textual de uma investigação finalizada) (MARCONI; LAKATOS, 2021; FERRARI, 1982). Dessa maneira, a construção do cordel foi possível porque, em fases anteriores, procedeu-se com a coleta de dados sobre a constituição das chamadas novíssimas universidades federais brasileiras. É esta a intenção deste subtópico.

No seio da pesquisa mais ampla, foram visualizadas três origens de dados que poderiam servir de fontes: a) dados primários constantes em entrevistas semiestruturadas, com informantes-chave que atuaram direta ou indiretamente na estruturação da UFCA (14 pessoas ouvidas entre 2017 e 2018) e da UFSB (8 respondentes entrevistados em 2020), pois, até o momento, a pesquisa alcança estas duas instituições; e b) dados bibliográficos e documentais. Para o primeiro grupo, interessaram textos agrupados em artigos científicos, livros, teses e dissertações que versam sobre pelo menos um destes temas: desenvolvimento regional/territorial, políticas públicas e educação (ou ensino) superior.

Para o segundo grupo – os dados documentais –, importaram especialmente os relatórios técnicos e de gestão produzidos pelas Comissões de Implantação de ambas as universidades em tela e seus respectivos grupos de trabalho, quando o caso. Ressalta-se que o Plano Orientador da UFSB² (UFSB, 2014) se constituiu como rico “manancial” de detalhes acerca da elaboração prática e conceitual daquela instituição.

Para as análises (em curso), a técnica da Triangulação de Dados, conjugada com a Arena de Atores (CHACON, 2007; NASCIMENTO; SILVA; PEREIRA, 2019), tem sido empregada, por oferecer bases ao pensamento “confrontado” entre esses mesmos grupos de dados, na finalidade de extrair-lhes os achados. Nas “arenas” criadas pela segunda metodologia, as forças e as motivações para a criação das duas instituições universitárias têm inspirado a visão poética que deu origem ao cordel apresentado neste trabalho.

² Disponível em: <http://www.ufsb.edu.br/wp-content/uploads/2015/05/Plano-Orientador-UFSB-Final1.pdf>.

3.2 Fase 2: a escrita do cordel

A metodologia para a composição do cordel neste trabalho apresentado assumiu o entendimento de que ele – o cordel – é uma conversa com o leitor. Por isso, o compromisso inicial foi de encontrar um meio-termo entre a tradição da escrita científica composta em terceira pessoa e/ou com sujeito indeterminado e a possibilidade “artística” de se empregar a oralidade (aqui no formato de texto) em primeira pessoa, como se de fato houvesse uma conversa presencial com quem lê o cordel. Esta foi a primeira conduta metodológica.

Em seguida, buscou-se eleger na taxonomia das métricas do cordel aquela que pudesse dar vazão a uma quantidade maior de informações ao longo do texto, de modo que certos detalhes não fossem excluídos da composição. Autores como Siqueira, Matamoros e De La Cruz (2020) mostraram que a composição de cordéis com fins científicos é viável, mas, no caso da peça neste trabalho apresentada, o tipo Martelo Agalopado – cordel de estrofes com dez versos e onze sílabas poéticas – demonstrou-se ser o mais adequado ao objetivo central desta contribuição.

Vale ressaltar que a métrica do Martelo Agalopado é representada pela sequência ABBAACDDC, que indica haver: rimas nos versos 1, 4 e 5 (A); rimas nos versos 2 e 3 (B); rimas 5, 6 e 10 (C); e rimas nos versos 8 e 9 (D). E, uma vez que as sílabas importantes para o cordel não são as gramaticais, mas sim as sílabas poéticas, o leitor deste trabalho encontrará versos no Item 4 que possuem mais de 12 sílabas gramaticais, todavia sempre identificará a sílaba tônica na posição poética n. 11, cumprindo com a determinação da técnica do Martelo Agalopado.

O Martelo agalopado [...] é uma das modalidades mais antigas na literatura de cordel. Criada pelo professor Jaime Pedro Martelo (1665 – 1727), as martelianas não tinham, como o nosso martelo agalopado, compromisso com o número de versos para a composição das estrofes. (ABLC, 2016, *s.p.*).

Além disso, foi elaborado um roteiro para que a escrita do cordel sobre duas das quatro novíssimas universidades federais brasileiras investigadas na pesquisa-base pudesse obedecer a uma sequência coerente e coesa ao leitor, de maneira que se perceba a sequência dos argumentos e se indique a posição analítica e poética da autoria no sequenciamento das estrofes. É o que apresenta o Quadro 2:

Quadro 2 – Roteiro argumentativo das estrofes

| Bloco | Motivação |
|--|--|
| 1 | Apresentar as duas universidades (UFCA e UFSB): estrofes 1 a 10 |
| 2 | Falar de ambos os processos de constituição: estrofes 11 a 23 |
| 3 | Indicar a necessidade de regionalizar a educação superior com múltiplos atores: estrofes 24 a 30 |
| 4 | Apresentar em que termos a UFCA e a UFSB são regionais: estrofes 31 a 41 |
| 5 | Realizar comentários finais: estrofes 42 a 45 |
| Importante indicação: o início de cada bloco foi indicado pela numeração específica na cor azul em cada estrofe inicial. | |

Fonte: Elaboração própria, 2022.

No item a seguir, o cordel é apresentado em estrofes organizadas em duas colunas, à revelia do estilo do corpo do restante deste trabalho. Esta decisão foi tomada como medida de favorecer a leitura e melhor organizar as estrofes, uma vez que a manutenção da mesma formatação de

todo o trabalho poderia prejudicar a visualização do cordel, como também fazer jus à forma tradicional em que ele é publicado nos folhetos.

4 O CORDEL

(1) Meu texto vem do Cariri, Ceará
Não vem lá do Cariri da Paraíba
Mas sim do qual no meu peito se arriba
Algo que sinto que interessará
Uma universidade, se dirá
Muito mais que nova, é uma novíssima
Criada por boa gente animadíssima
Em desenvolver a sua região
Criando lá vias de educação
Pondo o Ceará em conta altíssima.

É a Universidade Federal
do Cariri, que veio para somar
E também para seu posto colocar
No desenvolvimento regional
Com uma educação sem igual
Em dois mil e treze fora criada
Para ensinar regionalizada
Dos atores locais: participação
Da diversidade: teve inclusão
Para a região onde instalada.

A universidade do Cariri
Tem um *campus* em Barbalha e no Crato
Nesses municípios, há nenhum ingrato
A verdade que eu mesmo conferi
Nos caminhos que por aqui percorri
Tem sua sede em Juazeiro do Norte
Em Brejo Santo, mais um, seu braço forte
Em Icó, sem *campus* de número cinco
Cidade de patrimônio muito rico
Sua presença ganhando mais aporte.

Mas também vou falar de uma irmã
Que é de um outro estado: a Bahia
A demanda social nela havia
Por uma instituição com afã
Da Federal do Cariri, o seu clã

Na Bahia, para o sul se olhou
Uma universidade se pensou
Ao desenvolvimento contribuir
Aos locais saberes, se permitir
Nova instituição estruturou.

Falo da Federal do Sul da Bahia
Instituição que do zero nasceu
Daquela região, ao seu apogeu
Com uma educação que se queria
Cuidar de sua gente, ali se faria
Com vagas de ensino superior
Para aquele povo trabalhador
Mirando o potencial do local
Ao desenvolvimento regional
Educar: esse é o seu maior pendor!

Seu primeiro *campus* é em Itabuna
Sua sede e onde fica a reitoria
Ao local sul-baiano com maestria
Conduzi-la por uma ação oportuna
E ter a educação como fortuna
Mas também está em Porto Seguro
Cidade antiga que vê seu futuro
E em Teixeira de Freitas, está lá
Uma grande universidade, oxalá
A ensinar, seu sentimento puro.

Na universidade cearense
A graduação é tradicional
Segue o rito comum e nacional
Com seus currículos nos quais se pense
Em se formar com habitual ênfase
Única formação que se condense
Cada aluno escolhe o seu curso
Na hora de indicar seu ingresso
Para quaisquer cursos de graduação
Como Música ou Administração
Como poema de único verso.

Para a universidade baiana
O caminho é bem mais diferente
Causa estranheza a muita gente
Não convencional dela se emana

Trilha formativa que não engana
Em dois ciclos de cursos se baseia
São duas fases, como numa cadeia
Licenciaturas e bacharelados
Em dois caminhos mais bem conjugados
Ser ampla é intenção e a norteia.

É preciso falar nas ações feitas
No que toca à missão institucional
Que são delas o seu diferencial
Ter projetos e iniciativas
De ensino e pesquisa, sempre ativas
Monitorias: marcos do ensino
Pesquisas: avanço do ser humano
As universidades não abrem mão
Pois agem e atuam na contramão
Dum mundo limitador e tirano.

Não esqueço cultura e extensão
Pilares do ensino superior
Ferramentas dum espaço formador
De mãos dadas, verdadeira união
Dedicadas a qual boa formação
Nas novíssimas são dois espelhos
Que rompem os sociais estreitos
E inspiram projetos e programas
De revolucionárias tramas
À qualidade dos seus muitos termos.

(2) Mas, apesar de serem duas irmãs
As universidades que vos falo
Têm diferenças que aqui escalo
De seus formatos, fiéis tecelãs
Das regiões, diferentes cidadãs
Diferem no modo como criadas
A saber, no início separadas
Pois uma foi montada com tutora
À outra houve a inspiradora
As comentarei em notas versadas.

Para ambas houve uma partida
Uma política pública nacional
Fora o Reuni, quão sensacional
Fez crescer instituição contida

Fez ver o interior, a retida
Nas grandes cidades e nas capitais
Rumo a outros ambientes sociais
Deu recurso, deu dinheiro, apoiou!
Uma aposta social qual se fiou!
Importância às regiões nacionais.

Na Bahia, tudo partiu do zero
A primeira vez de uma federal
Ante a necessidade social
É aquilo que sempre reverbero
Quando falo, espero ser sincero
Logo que o Reuni autorizou
Comissão dedicada ali se formou
Professores de várias origens
Trouxeram em malas e em bagagens
Um sonho que se materializou.

Como tudo precisava ser feito
Desde o inicial rabisco à mão
Agiu a Comissão de Implantação
Num trabalho de louvável proveito
Mirando o sul baiano com respeito
Atenção foi dada às questões locais
Se educação e região são vitais
São potencialidades coletadas
Todas as chances oportunizadas
De dar valor aos saberes regionais.

Antes de ter-se aulas funcionando
Montou-se o Plano Orientador
Num sentimento mais que motivador
O sul da Bahia foi se visitando
E os interesses se declarando
Como se queria a instituição
Algo mais aproximado da nação
Ouviu-se gente de vários setores
Da sociedade local, seus atores
A universidade já em ação!

Face às dificuldades listadas
À ação de interiorização
Pensou-se na via de superação
Como se fossem palavras rimadas

Três velas ao vento foram içadas:
A referência e a metodologia
Vinda de autores da academia
Política, pedagogia ativa
Ciclos de formação em forma viva
Coisa nova no texto se exprimia.

Faltou acerca d'uma vela falar
Que é o modelo de academia
À instituição já se exprimia
Em oito princípios a se contemplar
Para a boa formação viabilizar
Mas logo volto então ao Ceará
Pois boas novas sobre ele se dará
De sua novíssima instituição
Carregada com razão e emoção
P'ra um futuro que logo “vingará”³.

Da irmã cearense, eu vou falar:
A montagem ocorreu diferente
Mesmo contando com diversa gente
De outra instituição, a brotar
Não são gêmeas, eu posso apostar!
Outra instituição na capital
A mais velha cearense federal
Se expandiu e se interiorizou
O território cearense cruzou
Para muito distante do litoral.

No Cariri foram três tentativas
E não, como a irmã, de uma vez
Três Arenas, com dada altivez
De vários interesses, muito vivas
À região, sempre propositivas
A nova universidade criar
O desejo do povo, realizar
De conter ali uma federal sua
Dada a vontade que ela contribua
E vida mais digna se concretizar.

A primeira Arena, posso lhes falar
Nomeio-a de Arena da Fusão

³ Mesmo que conste como possível significado no vernáculo, o termo “vingará” foi utilizado como flexão do verbo “vingar”, que na língua comum (ou vulgar) em certas regiões brasileiras significa ter futuro, dar frutos, dar bons resultados.

Por ter contido a forte intenção
De três *campi* no Cariri agregar
E um novo formato poder lhes dar
Mas não teve muitos interessados
Mais recursos não seriam alocados
Portanto, a ideia não prosperou
E o sonho do Cariri prorrogou
A depois, outros motivos guiados.

Já a segunda Arena foi diferente
E com um novo governo federal
E política pública nacional
Que trouxeram mais motivada gente
E recurso financeiro decente
Na Arena da Interiorização
Entrou o *Campus* Cariri em ação
Mais cursos de graduação ativados
Projetos da pós-graduação, tocados
Coisa boa foi feita na região.

A terceira arena foi bem-sucedida
Foi a Arena do Desmembramento
Não mais da tutora um complemento
Instituição nova compreendida
Política pública resolvida
À universidade caririense
Criada para o povo cearense
A autonomia da casa se deu
A motivação de crescer irrompeu
Que o desenvolvimento se adense!

Mas vale sempre lhes dizer uma questão
Muita e diversa gente atuou
Em grupos de trabalho, sei que estou
A falar de dado certo, o guião
Revelações de tal minha reflexão
Pensaram na estrutura e alunos
A permanência discente nos planos
Aos alunos montou-se a Assistência
Saberes universais sem ingerência
Houve organização, sem enganos.

(3) A questão que pairava, sem engano:
Regionalizar a educação

Sem colocá-la na via da contramão
De um novo contexto interiorano
A um desenvolvimento soberano
“Como fazer?”, era o questionamento
Qual seria então o melhor movimento?
A resposta era óbvia, no porvir
Ensino contextualizado: devir
Daí decorreu cada alinhamento.

A forma interessante de agir
É chamar muitas pessoas dispostas
A contribuir com suas apostas
Na política pública a fluir
A universidade a construir
Cada uma com o seu interesse
Se o coletivo prevalecesse
Como expressão única do lugar
Os dados reais sem desconsiderar
Se o bem público se envolvesse.

Na Bahia uma solução encontrada
Foi, com as pessoas, antes conversar
Pois o sul baiano mostrou relevar
À dinâmica alta e destacada
De intenção social elevada
Numa política pública tal qual
Um coletivo social sem igual
Naqueles municípios visitados
Muitos indivíduos consultados
Da Bahia, o povo tradicional.

As caravanas assim o fizeram
Pois queriam ter um bom panorama
Do sul da Bahia, a social trama
Na discussão do que desejariam
Nas possibilidades que teriam
Numa universidade a se fazer
As potencialidades, não se conter
A nova instituição, afinal
Teria sua “cara”, nada antes igual
Algo muito bonito de se viver.

No Ceará a coisa foi parecida
Para sua Comissão de Implantação

Ideias eram bem-vindas, sem vedação
E diferente gente foi ouvida
Em várias assembleias, nessa lida
Boa participação do povo local
Que pôde demonstrar o seu ideal
Uns mais, outros menos, posso atestar
Coube a cada grupo negociar
A cadeia da recente federal

E foi bastante bonito perceber
Com tantos interesses nas arenas
Num local de negociações plenas
O sonho não se minar nem perecer
À vista do que se poderia ter
Na estrutura institucional
Para aquela novíssima federal
Cada pessoa nela contribuiu
A ela, sem dúvidas, se assumiu
O caráter social e regional.

Por essas e por mais outras condições
Dessas novíssimas, seus próprios nomes
Lhes faz possuir outros codinomes
Expressam ser maiores as suas regiões
Como amplas partes de outros rincões
Representam o seu todo espaço
Onde instaladas foi só um passo
Pois o desenvolvimento regional
Atua nelas como força igual
À missão de cada nesse compasso.

(4) Nas novíssimas isso se fez pesar
Muita coisa fora incorporada
Quando da montagem, cristalizada
A questão regional se considerar
Nova formatação a se desvendar
A federal sul-baiana assumiu
Nova instituição ali surgiu
Quatro novidades vou lhes remeter
Para que todos possam assim saber
O que o sul da Bahia construiu.

Para começo de conversa, saibam
Da educação básica, necessários

Ter os Colégios Universitários
Pontes criadas pelos que previam
Dois níveis de ensino se aliam
Educação básica-superior
Unidos sob compartilhado pendor
De formar gente ao local ligada
À própria região conectada
Do desenvolvimento, o tocador.

Após adentrar na universidade
Dois ou três ciclos nela aparecem
Quão holísticas as formações nascem
Se depara com uma novidade
Que dota mais uma mobilidade
A uma verdadeira integração
Componentes que não vão na contramão
De saberes contextualizados
Conhecimentos regionalizados
De, pouco vista no Brasil, formação.

Algo mais radical fora pensado
Com vistas a ter-se mais eficiência
Aos recursos, às pessoas e ciência
O quadrimestre fora implantado
Como o modelo a ela adequado
América do Norte, inspiração
Na Europa também se faz alusão
A esta maneira de organizar
Componentes e aulas a ofertar
Um melhor modo de organização.

Também destaco algo que me agrada
Conselho Estratégico Social
Alusão a uma questão regional
Ver a sociedade ali representada
A universidade incrustada
Na participação de boa gente
Que no desenvolvimento é crente
Que a sua vida iria melhorar
Se ela se movesse a participar
Daquele novo próspero ambiente.

E se no sul da Bahia foi assim
Do que podemos de bom considerar

Cidadãs estruturas a se formar
Ao Cariri cearense também vim
A falar sobre a outra irmã, enfim
Das suas conquistas peculiares
Que são ícones e perpendiculares
À estratégia de desenvolvimento
Particular àquele vivo momento
Para o Brasil, auspiciosos ares.

No cearense caso deu-se atenção
Ao formato de universidade
Àquelas cidades a novidade
Sem a tal departamentalização
Novel ótica de organização
Institutos e Centros a funcionar
As Faculdades a se estruturar
Pois os GTs à época montados
Foram sabidamente orientados
A fluidez de pessoas incentivar.

Outro ponto que nela reverberou
Foi a decisão para os novos cursos
Pois se comentava da fonte dos custos
À rede local de ensino se olhou
Pois no nível federal se alocou
Dos cursos dali o seu financiamento
Criar concorrentes não era o intento
Portanto, as graduações a criar
Deveriam na proposta inovar
Serem aos antigos mais um complemento.

Uma questão aos GTs muito premente
Do Cariri, o destaque da cultura
Para o povo, nítida iluminura
Da universidade, na sua mente
Algo a ser criado era iminente
Uma pró-reitoria se estruturou
Aos destinatários se delimitou
A Procult, da cultura exclusiva
A ser estrutura definitiva
Aos esportes e idiomas se juntou.

Mesmo tendo ensino tradicional
Garante-se a ação estudantil

Por via do protagonismo juvenil
Em projetos e programas no geral
Desde que tenham apoio “tutoral”
Muitos alunos são protagonistas
E da inércia, seus antagonistas
Pensam e conduzem diversas ações
Aprendizados nessas interações
Fontes do conhecimento sempre vivas.

Da federal do Cariri, panorama
O qual não determino que se esgote
Pois tenho mais a dizer no mesmo mote
Outras mais propostas numa mesma trama
Num andar coletivo que se afama
Mas que serve para aqui se ilustrar
Para o desenvolvimento centrar
Nas práticas de tal universidade
À sua acadêmica comunidade
A vantagem de nela se apostar.

(5) É a realidade quase exata
Como se dá a verdade científica
Nessa experiência qual magnífica
Educação expandida se constata
Rumando ao interior em breve data
Das oportunidades lá geradas
Com as pessoas muito engajadas
Em mudar a Bahia e o Ceará
Já se sabe, a vida melhorará
Com as universidades montadas.

Apesar de tudo, lanço uma questão
Duas novíssimas aqui relatadas
Pela ciência foram analisadas
Encarando esse tal diapasão
Onde se situa a Administração?
Vou lançar mão, a você eu responder
Que a um texto eu irei recorrer
Genauto França Filho, o seu autor⁴
Que nos apresenta com muito amor
Dupla chance para se compreender.

⁴ O texto mencionado é FRANÇA FILHO, G. C. Para um olhar epistemológico da administração: problematizando o seu objeto. Cf. França Filho (2004).

Segundo aquele autor, são as seguintes:

Por um lado, a técnica da gestão
Noutro, a típica organização
Tudo dependerá das possíveis frentes
A ciência guiada por seus agentes
Assim a Administração tem lugar
Quando às novíssimas for observar
E olhá-las como organizações
Para isso não se faz oposições
Ciência administrativa no ar!

E, para que nós possamos terminar
De um tema que me dá muito gosto
O ensino superior bem-quisto
Longe da prosa, da poesia o ar
É esta a forma que eu vou falar
É o poder do cordel, meus amigos
Que na poesia nos faz mais unidos
Na política pública nacional
Ao desenvolvimento regional
Em prestigiosos feitos vividos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teórico-empírico, num formato de cordel (em certa medida), teve como objetivo apresentar uma outra possibilidade, ainda que poética, de se conhecer o processo de criação das chamadas novíssimas universidades federais brasileiras. Para que fosse possível, alicerçou-se nos achados de uma investigação científica em curso que tem como plano analisar as bases político-institucionais de montagem dessas instituições.

A partir das questões que são levantadas e demonstradas no cordel constante neste trabalho, duas constatações podem ser aventadas: a primeira delas diz respeito às revelações do “mérito” do texto, em que são debatidas as perspectivas da ação multiatorial e sociocêntrica das pessoas que participaram do processo de estruturação da UFCA e da UFSB; enquanto a segunda demonstra como a capacidade criativa e a instrucional, de textos literários de diversas naturezas – como o próprio cordel –, podem ser úteis à divulgação científica de achados de pesquisa a partir de outros formatos de escrita.

A questão da regionalidade é orientadora ao cordel e às reflexões acerca das duas universidades, atuando como força mantenedora tanto dos meios para a elaboração do texto poético quanto dos seus fins: reforçar o apelo das questões regionais como relevante observação a ser feita em políticas públicas que lidam com este tipo de organizações. Portanto, repousa sobre a Administração, como ciência, o véu da chance de se transitar por diferentes caracteres e saberes interdisciplinares como uma prática de construção e difusão de conhecimento.

Acredita-se que este trabalho possa inspirar a escrita de outros cordéis com a pretensão aqui demonstrada, dada a capacidade integradora do verso em poesia junto a pessoas de

diferentes públicos. Além disso, espera-se que, com a finalização da pesquisa sobre as novíssimas universidades federais brasileiras, seja possível construir outros cordéis e demais produtos técnico-artísticos que publicizem os relevantes achados da investigação.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento são feitos à Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Universidade Federal do Cariri (PRPI/UFCA), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) pelo apoio institucional e financeiro (auxílios e bolsas).

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL [ABLC]. Métricas. *ABCL* [online], 2016. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/o-cordel/metricas-2/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

ALMEIDA, F. M. M. G.; SILVA, J. L. B.; SOUSA, J. R.; ALVES, L. S. F. A presença da literatura de cordel no ensino de geografia: considerações para além de conceitos. *GEOTemas*, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1–20, 2021. Disponível em: <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/2920/2549>. Acesso em: 24 abr. 2022.

BENFATTI, F. A. R.; SILVA, G. M. O Feminismo Negro na Literatura de Cordel de Jarid Arraes e em Contos de Miriam Alves. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, n. 6, v. 4, p. 76–99, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/36503/24487> DOI: <https://doi.org/10.9771/cgd.v6i4.36503>. Acesso em: 24 abr. 2022.

BRASIL. Decreto n. 6.096, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm. Acesso em: 14 abr. 2022.

CHACON, S. S. *O Sertanejo e o caminho das águas*: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido. Fortaleza: BNB, 2007.

CUNHA, R. S. *Literatura de cordel em rede*: o fazer com tecnologias digitais. 2018. Dissertação (Mestrado em Cognição, Tecnologias e Instituições) – Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufersa.edu.br/bitstream/prefix/1096/1/RafaelSC_DISSERT.pdf. Acesso em: 26 abr. 2022.

FERRARI, A. T. *Metodologia da Pesquisa Científica*. São Paulo: McGraw-Hill, 1982.

FISCHER, T.; DAVEL, E.; VERGARA, S.; GHADIRI, P. D. Razão e sensibilidade no ensino de administração: a literatura como recurso estético. *Revista de Administração Pública - RAP*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 5, p. 935–58, 2007. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6613>. Acesso em: 24 abr. 2022.

FRANÇA FILHO, G. C. Para um olhar epistemológico da administração: problematizando o seu objeto. In: SANTOS, R. S. (Org.). *A administração política como campo do conhecimento*. São Paulo: Edições Mandacaru; Fundação Escola de Administração UFBA, 2004. p. 119–43.

FRANCO, D. S.; LEITE, G. L.; FONSECA, V. L. B. Articulação entre aprendizagem baseada em problemas e análise fílmica: uma proposta de ensino a partir do filme a fábrica de sonhos. *Revista Brasileira de Estudos*

Organizacionais, Xaxim, n. 7, v. 2, p. 398–424, out. 2020. Doi: <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2020.v7n2.385>

HAESBAERT, R. Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização. In: MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, SECRETARIA DE POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL [SDR]. *Para pensar uma política nacional de ordenamento territorial*. Brasília, DF: MI, 2005. Disponível em: https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/Biblioteca/publicacoes/ordenamento_territorial.pdf. Acesso em: 24 abr. 2022.

HISSA, C. E. V. Território de diálogos possíveis. In: RIBEIRO, M. T. F.; MILANI, C. R. S. (Org.). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2009.

JAHN, L. P. *Literatura de cordel no fio da rede: o cibertexto poético como mídia digital*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32886/000787302.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 abr. 2022.

KNOBEL, M. *A ilusão da lua: ideias para decifrar o mundo por meio da ciência e combater o negacionismo*. São Paulo: Contexto, 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MATOS, F. O.; GONÇALVES, T. E. Do planejamento ao desenvolvimento regional: notas sobre o conceito de região. *Boletim de Geografia*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 13–28. DOI: 10.4025/bolgeogr.v37i2.39098

MINISTÉRIO DA CULTURA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN]. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular [CNFCP]. *Literatura de cordel: dossiê de registro*. Brasília: Ministério da Cultura, 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf). Acesso em: 24 abr. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO [MEC]. *A democratização e expansão da educação superior no país 2003 - 2014*. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&category_slug=dezembro-2014-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 24 abr. 2022.

NASCIMENTO, I. R. T. *A expansão da educação superior como estratégia de desenvolvimento territorial: o caso da Universidade Federal do Cariri*. 2018. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

NASCIMENTO, I. R. T.; SILVA, H. A. S.; PEREIRA, V. S. Análise da ação de atores sociais no processo de implementação de políticas públicas: uma proposta de aplicação da metodologia da arena de atores. *Revista Eletrônica Científica do CRA-PR – RECC*, Curitiba, n. 6, v. 2, p. 63–77, 2019. Disponível em: <http://recc.cra-pr.org.br/index.php/recc/article/view/201/137>. Acesso em: 24 abr. 2022.

PINTO, F. L. B.; RIBEIRO, E. M. História, literatura e estudos organizacionais: novos olhares sobre as obras de Jorge Amado. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 5 n. 12, p. 198–267, abr. 2018. Doi: <https://doi.org/10.25113/farol.v5i12.3204>

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

RIBEIRO, M. T. F. Introdução. In: RIBEIRO, M. T. F.; MILANI, C. R. S. (Org.). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, M. O retorno do território. *OSAL: Observatorio Social de América Latina*, [Territorio y movimientos sociales], Buenos Aires, año 6, n. 16, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2022.

SAQUET, M. A. Território. In: BOULLOSA, R. F. (Org.). *Dicionário para a formação em Gestão Social*. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014.

SIQUEIRA, E.; MATAMOROS, J.; DE LA CRUZ, C. Uso da literatura de cordel para explicar a metodologia ativa aprendizagem baseada em problemas. *Revista Ciências & Ideias*, Nilópolis, v. 11, n. 2, p. 257-67, 2020. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/view/1188/950> DOI: <http://dx.doi.org/10.22407/2176-1477/2020.v11i2.1188>. Acesso em: 24 abr. 2022.

SOUZA, T. B; FREITAS, L. L. Literatura de cordel no fio da rede: o cibertexto poético como mídia digital. *Scripta Alumni*, Curitiba, v. 23, n. 2, p. 158-77, 2020. DOI: 10.5935/1984-6614.20200026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA [UFSB]. *Plano orientador*. Itabuna: UFSB, 2014. Disponível em: <http://www.ufsb.edu.br/wp-content/uploads/2015/05/Plano-Orientador-UFSB-Final1.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Sobre o autor:

Ives Romero Tavares do Nascimento: Doutorado e mestrado em Administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutorado Sanduíche (estágio doutoral) no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (ISCSP/ULISBOA), com apoio do Programa PDSE/CAPES. Graduação em Administração pela Universidade Federal do Ceará (UFC), e em Direito, pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Bolsista de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica (BPI) da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Professor efetivo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri (CCSA/UFCA). **E-mail:** ives.tavares@ufca.edu.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-3314-6618>